

IS Working Papers

3.^a Série, N.º 54

Herstory, elementos preliminares da trajetória de investigação de uma *riot grrrl*

Gabriela Cleveston Gelain

Porto, maio de 2017

*Herstory*¹, elementos preliminares da trajetória de investigação de uma *riot grrrl*

Gabriela Cleveston Gelain

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, Brasil, Grupo de Pesquisa CultPop, KISMIF Project

E-mail: gabrielagelain@gmail.com

Submetido para avaliação: abril de 2017/ Aprovado para publicação: maio de 2017

Resumo

Neste artigo, demonstro alguns passos que foram dados ao longo da minha pesquisa de mestrado intitulado “Releituras, Transições e Dissidências da Subcultura Feminista Riot Grrrl no Brasil” e da construção de minha trajetória enquanto pesquisadora *insider*, desde o primeiro concerto *riot grrrl* observado até a minha inserção completa em campo como voluntária no acampamento *Girls Rock Camp*. Assim, relato, na primeira pessoa, as minhas primeiras impressões de concertos, encontros e depois, ao longo do amadurecimento da pesquisa, a minha observação e participação enquanto pesquisadora e também voluntária *no Girls Rock Camp* em Porto Alegre, ao longo de janeiro de 2017 no sul do Brasil.

Palavras-chave: pesquisa *insider*, *riot grrrl*, *herstory*, subcultura, culturas juvenis.

Abstract

In this article I demonstrate some of the steps that were taken during my master's research entitled "Rereadings, Transitions and Dissidences of the Feminist Subculture Riot Grrrl in Brazil" and the construction of my trajectory as an insider researcher, since the first show *riot grrrl* observed until my complete insertion in field as a volunteer in the camp called *Girls Rock Camp*. Thus, I report in first person my initial

¹ *Herstory* é uma palavra comumente usada para falar sobre as histórias de vida das *riot grrrls*. Segundo o UrbanDictionary, “Herstory: a word invented in the late 20th century to mean ‘history’, that is, history not written by men but by women, hence ‘herstory’ (her story) rather than ‘history’ (his story). The word ‘herstory’ was invented because certain people with feminist predilections thought the word ‘history’ means, literally, ‘his’ ‘story’, as if to mean the story belongs to him, male possessive pronoun. Naturally, any person who is even a tad more than illiterate will realize that the word ‘history’ derives from the Greek word ‘historia’, which means ‘to inquire into’. Thus ‘history’ has absolutely nothing to do with male possessions, or even maleness. It appears that illiteracy was the standard of the day, being that it was enough for the word to ‘sound like’ male possession of the story, instead of looking into (inquire into?) the true meaning of the word (history, that is)” Disponível em: <<http://www.urbandictionary.com/define.php?term=herstory>>. Acesso em: 20 maio 2016.

impressions of Riot Grrrl gigs, meetings and then, throughout the maturing of this work, my observation and participation as a researcher and also volunteer at Girls Rock Camp in Porto Alegre, throughout January 2017 in south Brazil.

Keywords: insider search, riot grrrl, herstory, subculture, youth cultures.

INTRODUÇÃO

Os nossos caminhos na academia sempre partem de motivações bastante pessoais, são direcionamentos que surgem ao longo de nossa trajetória e, por vezes, parecem assomar de forma, como muitas vezes dizemos, “natural”. No entanto, essa chamada “naturalidade” já foi edificada anteriormente e aperfeiçoada com as experimentações de nossas realidades, contextos e oportunidades que surgem ao longo dos percursos da vida de cada pesquisador e pesquisadora. Acreditamos, então, que uma retrospectiva seja necessária aqui para descrever como se chegou a esta investigação ²sobre o que os elementos subculturais e sujeitos que envolvem a subcultura *riot grrrl* dizem sobre a sua atualização no Brasil. Voltando à primeira pessoa. Cresci em Santa Rosa, Rio Grande do Sul, numa família de *classe média*; aos 12 anos de idade comecei a escrever, a trocar cartas e fazer amizades via correio e através de clubes de amizade, deparando-me com integrantes do dito *underground*³ e, conseqüentemente, com os *fanzines*, publicações independentes e impressas, “papel e xerox”. Eu morava em um beco no centro da cidade, onde nas redondezas assistia a muitas agressões contra mulheres pelos seus companheiros e à rotina das famílias de *classe média baixa*. Em parte, era como se morasse numa periferia de um grande centro urbano. Na escola pública, tive contato com realidades muito diferentes da minha.

As primeiras *demo tapes*⁴, coletâneas e *flyers* chegavam até a minha casa e, ainda muito jovem, conheci bandas clássicas da *riot grrrl* nacional como Bulimia, Dominatrix, Toxoplasmose e Infect. Os primeiros *fanzines* de caráter *riot grrrl* com os quais tive contato foram o “Chato zine”, de Carla Duarte (RJ), e “Orgástica”, de Enne Maia (MG). De 2002 a 2006, a minha rotina resumia-se a frequentar a escola, abrir a caixa do correio, comprar envelopes, escrever, ler e trocar *fanzines* dos mais variados temas que chegavam à caixinha postal da minha casa.

Quando eu ouvi pela primeira vez a *demo tape* da banda Infect, achei que a cassete estivesse “estragada”. Era um som muito rápido, bastante barulhento e gritado, acompanhado de uma voz que, ao berrar, não deixava dúvidas: tratava-se de uma garota. Só que a fita não estava estragada. Era um som rápido, gritado e agressivo, sim. E o mais estranho é que era em português, mas não parecia. Depois acompanhei com a letra e conseguia até “cantar mentalmente” o som, que dizia: “Vocês se assustam porque querem a submissão, têm medo da outra realidade. Da minha vontade de ser

² Link para o trabalho completo: <http://tinyurl.com/riotbrasil> Dissertação “Releituras, transições e dissidências da subcultura Feminista Riot Grrrl no Brasil” (GELAIN, 2017). Trabalho orientado pela professora e pesquisadora Adriana Amaral (UNISINOS) – Grupo de Pesquisa CultPop.

³ “Termo que designa o espaço não cooptado e/ou coberto pela grande mídia – jornais, rádios, TVs, revistas –, onde circula uma produção artística mais comprometida com a arte do que com o comércio” (O’Hara, 2005: 193).

⁴ Gravação musical amadora de caráter demonstrativo, reproduzido em formato fita cassete (K7).

tão forte quanto a sua, de eu sair da posição passiva destinada às mulheres, de eu não me reprimir ou simplesmente esperar⁵”.

Comecei a ver as palavras *riot grrrl* escritas nos *fanzines* e nas fitinhas, e desse modo o feminismo no *punk* ia-se revelando para mim. Era o meu primeiro contato com o feminismo, e estas palavras marcaram-me desde esta época. Foi por meio desta relação entre o *rock* e o *riot grrrl*, verificada nas correspondências e no contato com pessoas inseridas no contexto do cenário *punk* e *hardcore*, que tomei consciência crítica da condição das mulheres na sociedade e do espaço ainda mínimo que estas ocupam, não só, mas também, na cena *underground* (Cfr. Guerra e Silva, 2015; Guerra e Bennett, 2015).

Em 2008, estudando para o vestibular da Universidade Federal de Santa Maria e já residindo na cidade, conheci Jéssica Nakaema. Eu a encontrava nos concertos de estilo *punk* e *hardcore*, bem como na boate do Diretório Central dos Estudantes (DCE), famosa na cidade e voltada ao público universitário. Quando visualizei o perfil da Jéssica na rede social digital *Orkut*, havia a frase de uma letra da banda Dominatrix, e eu logo pensei: existe mais de uma *riot grrrl* por aqui. A identificação foi imediata. Prontamente quis me aproximar da menina com quem depois editei o *fanzine* intitulado *No Make Up Tips zine*, durante os anos de 2008, 2009 e 2011. Éramos uma minoria na cena *underground* da cidade e concordávamos sobre a importância da subcultura *riot grrrl* tanto para o movimento *punk* e *hardcore* quanto para a sociedade *mainstream*⁶ pelo facto de ser contracorrente.

Devido ao grande número de cópias que fazíamos e à ampla distribuição, o nosso *fanzine* ficou conhecido no país e foi até mencionado na Revista *TPM* devido ao seu conteúdo. Atualmente, o *No Make Up Tips* não existe mais em formato impresso, mas há uma página no *Facebook* com o mesmo nome, onde mantemos ativas postagens relacionadas aos temas que permearam as três edições da publicação impressa. Instantaneamente, o encontro entre duas garotas que se identificavam com a subcultura resultou em um *fanzine riot grrrl*. Não frequentávamos concertos de bandas femininas e/ou feministas pela ausência das mesmas na cidade de Santa Maria, mas tínhamos em mente nossa posição em relação à cena local e tal posição era consoante às ideias das *riot grrrls* que conhecemos através de bandas, cartas, *zines* e das redes sociais nos ambientes *online*.

⁵ Disponível em: <<https://www.letas.mus.br/infect/483380/>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

⁶ “A corrente de pensamento e ideologia predominante e, por extensão, o que é transmitido e divulgado pela grande mídia como relevante cultural e artisticamente. Forma par em oposição a *underground*” (O’Hara, 2005: 188).

Em dezembro de 2013, apresentei minha conclusão de curso na graduação em Jornalismo sobre consumo, classe social e a subcultura *zineira*⁷ vinculada ao *punk* e *hardcore* no país, mas, desde o início dos movimentos voltados ao TCC, havia um grande interesse em pesquisar a “as *Riot Grrrl*” no país, já impulsionada pela leitura do livro *O Rock do DF e do Entorno sob o ponto de Vista Feminino*, lançado pelo *Zine Oficial*, presente da amiga *riot grrrl* Laís Alves, que também participa da cena feminina do *punk* de Brasília e cidades-satélites. Conheci várias meninas em Brasília, e muitas tocavam em bandas.

Em setembro de 2015, participei do *Ugra Zine Fest* na cidade de São Paulo, encontro de *zineiros*, com palestras e exposições sobre a produção *zinística*. No segundo dia, em um restaurante da Rua Augusta, deparei-me com Elisa Gargiulo, vocalista da *Dominatrix*, banda que inspirou o nome do meu *fanzine* e uma das bandas *riot grrrls* mais conhecidas nacionalmente. Levantei e me apresentei a ela, que me reconheceu por já ter me adicionado no seu perfil pessoal da rede social *Facebook*. Assim surgiu o convite para conhecer sua casa e seu acervo de publicações independentes da *riot grrrl* no país (Figura 1). Nas conversas sobre as pesquisas acadêmicas acerca do tema e da subcultura no país, Elisa me falou da produção dos quadrinhos feministas e de como a *riot grrrl* estava voltada para as artes em quadrinhos naquele momento, em âmbito nacional (Ver Guerra e Quintela, 2016).

Algo se apresenta diferente na (sub)cultura. Através de nossas conversas e percepções, percebi que poderia realizar uma pesquisa sobre as atualizações da *Riot Grrrl* no Brasil. Ela, como uma das principais ativistas e militantes feministas no país. Eu, como uma fã e seguidora da subcultura *riot grrrl*. Há algum tempo, visualizava uma “alta” e depois “baixa” em relação às bandas de *hardcore* feministas *riot grrrl* no Brasil, e embora algumas pessoas dissessem que a *riot grrrl* havia “terminado”, percebia a subcultura “viva” em outros elementos: nos *fanzines* sobre feminismo e *punk*, nos coletivos feministas, no *Girls Rock Camp*⁸ de Sorocaba, nas oficinas de guitarra e bateria para meninas organizadas por musicistas, nos *Blogs* e páginas do *Facebook* onde a *riot grrrl* mostrava-se acontecendo, sendo compartilhada. Como referem Silva e Guerra para o caso português e internacional: “Ora, a exclusão fática das mulheres constitui um tema muito perturbador do *ethos* e do discurso *punk*, aliás bastante próximo daquele com que forma par, o tema da violência e do extremismo, e igualmente crítico.

⁷ Quem faz *fanzine* pode ser chamado de *zineira* ou *zineiro*. Evitamos a denominação “editores”, pois a proposta de fazer um *zine* não é a mesma de fazer uma revista ou *Blog*.

⁸ “O *Girls Rock Camp* é um acampamento musical onde meninas de várias idades aprendem um determinado instrumento, formam uma banda, escrevem canções originais e realizam um concerto no final, em local de música ao vivo. Estes acampamentos diurnos existem em diferentes partes do mundo. O *Girls Rock Camp* Brasil ocorre em Sorocaba, São Paulo, e já teve sua terceira edição em 2016”. Disponível em: <<http://girlsrockcampalliance.org/about-2/what-is-girls-rock-camp/>>. Acesso em: 04 abr. 2016.

Na cena internacional, o desconforto foi assumido e enunciado, nos fins dos anos 1980, nos Estados Unidos, pelo movimento *Riot Grrrl*, que denunciou a prevalência dos estereótipos sexistas, expôs a contradição entre a retórica dos direitos e da igualdade e o estatuto periférico e subalterno das raparigas, e exigiu uma mudança na estrutura de oportunidades oferecidas aos dois géneros (...). Mas já sabemos que, embora uma parte não desprezável dos nossos entrevistados sinta alguma evolução positiva (que um ou outro associa diretamente aos anos 90 e a subgéneros como o *hardcore* e o *straight edge*), se trata para eles, no caso português, tão só de um pequeno progresso, dentro do panorama geral de baixa intensidade e baixo protagonismo” (Silva e Guerra, 2015: 202) no tocante à igualdade de género.

FIGURA 1
Fanzines na casa de Elisa Gargiulo, vocalista da Dominatrix (setembro de 2014)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

No Brasil, existe uma série de produções em quadrinhos voltadas para as lógicas de consumo *online*, que contemplam conteúdos feministas e foram citadas por algumas entrevistadas da investigação e pela Elisa, com quem conversei ano passado. Entre as

publicações de maior destaque estão as personagens Anna Grrrl⁹, Magra de Ruim¹⁰, Xereca¹¹, Lovelove¹² e Negahamburger¹³.

Após esta observação, o primeiro questionamento que me fiz foi: Se não há uma descrição densa sobre o *punk*, sobre a música e se as palavras *riot* ou até mesmo *grrrl* não aparecem em tais quadrinhos e publicações, como considerar as quadrinistas e seus trabalhos como sendo parte da subcultura *riot grrrl*? Será que existem outros elementos que definem a subcultura *riot grrrl* mesmo sem carregar este rótulo? Além disso, eventos como o *Girls Rock Camp Brasil* e coletivos feministas, além dos *grrrlzines* (*fanzines riot grrrl*), também me foram indicados como parte da subcultura *riot grrrl* brasileira. Comecei a indagar-me o porquê de tantos elementos serem considerados *riot grrrl* por meu círculo de amigas da cena *punk*, embora tais elementos não fossem “rotulados” como tal. Junto a isso, algumas de minhas amigas da chamada cena *riot grrrl* no Brasil estavam falando sobre um retorno da subcultura, uma modificação, uma *riot grrrl* diferente; enquanto para outras a *riot grrrl* nunca terminou, sempre esteve ali no *underground*, reconfigurando-se, com altos e baixos. Naquele momento, fiquei bastante curiosa para entender o que estas mulheres pensam com relação à subcultura *riot grrrl*, ou apenas “Riot”, no país.

A partir daí, mesmo sem dar conta naquele momento, a primeira indagação de minha pesquisa já estava surgindo: Quais são os elementos¹⁴ que demonstram uma possível continuidade da subcultura *riot grrrl* no Brasil em relação à subcultura original? No caso dos conteúdos *online* e da participação em eventos *off-line* sobre a subcultura *riot grrrl* Brasil, as observações e inserções a campo durante a primeira fase da qualificação, somada ao período em que fazia a análise empírica e ainda após os apontamentos da qualificação, fez-me repensar muitas vezes o problema de pesquisa. É o caminho do “ir e vir” dentro da investigação: repensar em todo o processo e desconstruir-se quanto aos fatos “óbvios” para quem está dentro do grupo e fora da pesquisa.

Assim, no decorrer da minha dissertação, o problema de pesquisa foi se alterando conforme a análise empírica, e a partir das entrevistas e da compreensão de que não há uma linha contínua em relação a uma subcultura. Deste modo, o problema de pesquisa foi alterado para a questão: O que os elementos sub(culturais) e sujeitos que envolvem a subcultura *riot grrrl* dizem sobre a sua atualização no Brasil?

⁹ Disponível em: <<http://www.facebook.com/annagrrl>>. Acesso em: 04 abr. 2016

¹⁰ Disponível em: <<http://sirlanney.tumblr.com>>. Acesso em 04 abr. 2016

¹¹ Disponível em: <<http://facebook.com/xerecaxereca>>. Acesso em: 04 abr. 2016

¹² Disponível em: <<http://facebook.com/lvlv666>>. Acesso em: 10 abr. 2016

¹³ Disponível em: <www.facebook.com/olanegahamburger>. Acesso em: 10 abr. 2016

O principal foco de análise utilizado foi o modo como estas mulheres visualizam e entendem a subcultura *riot grrrl* hoje no Brasil, suas dissidências dentro da subcultura e a leitura que, a partir de suas trajetórias individuais¹⁵ e coletivas¹⁶, têm da subcultura: o que pensam sobre a relação com as mídias (*fanzines*, redes sociais digitais, canais e programas televisivos, rádio), musicalidade, luta LGBT, subcultura americana, desarmonias e conflitos, anos 90 no Brasil, ativismo feminista, questão de classe, envelhecimento, representatividade e temporalidade da subcultura, além de como se identificam com esta. Deste modo, os elementos subculturais analisados juntamente a estes sujeitos respondem qual a atualização da subcultura *Riot Grrrl* brasileira.

2. Pesquisa de campo por uma *insider*

A primeira inserção no campo, meu *entree cultural*, aconteceu facilmente e sem problemas, provavelmente pelo contato e grau de inserção que tenho com o grupo pesquisado, e claro, pela administração da página de *Facebook* do *No Make Up Tips zine*, do meu *Instagram* pessoal e dos contatos que mantenho através da rede social *Facebook*. Desde que comecei a utilizar o *Orkut*, há alguns anos, fiz questão de manter, nas redes sociais, os contatos com os quais trocava correspondência (cartas), para sempre seguir com este vínculo de amizade na cena *underground*. Também acredito que a frequente atualização da página de *Facebook* do *No Make Up Tips zine* fez-me manter outros contatos que posteriormente colaboraram nas entrevistas em profundidade e por *e-mail*.

A investigação exploratória que virá a seguir permitiu-me fazer os primeiros contatos com o objeto da pesquisa através de um olhar investigativo, que foi para além da proximidade que já tenho com o grupo estudado, ajudando-me a perceber especificidades até então não observadas. Constatei que estabelecer um distanciamento para a observação da pesquisa foi mais difícil em eventos *offline* do que nos *online*, e um exemplo é o *feedback* das meninas, pois muitas têm vergonha de estabelecer contato ao vivo para responder às perguntas, ou muitas vezes trabalham durante os eventos – tocando com suas bandas, vendendo *fanzines*, *bottons*, camisetas, fotografando ou ajudando no bar e no caixa, pois geralmente são eventos *Do It Yourself*. Aqui, retomo o ponto de se ter um cuidado minucioso da posição *insider*, uma vez que devo conservar o distanciamento necessário para estar dentro do grupo pesquisado e “fora” deste em relação à posição de investigadora, assim mantendo uma observação

¹⁵ Como trajetórias individuais, penso nas vivências que estas mulheres tiveram antes de entrar em contato com a subcultura, em suas vidas de acordo com suas classes e realidades sociais; em seus estudos individuais sobre a subcultura e em seus graus de envolvimento individuais.

¹⁶ Com relação a trajetórias coletivas, penso nas vivências destas mulheres com seu grupo de amigas, bandas, *fanzines*, coletivos feministas. Todas essas trajetórias aparecem ao longo das entrevistas e me ajudaram a entender o que estes sujeitos dizem sobre a atualização da subcultura no país.

atenta aos movimentos da subcultura e também descrevendo a minha vivência como uma *riot grrrl* – o que pode, por vezes, aparecer num tom um tanto confessional.

2.1. Concerto de *Anti-Corpos* (SP) em Berlim

O primeiro movimento exploratório que realizei a campo e *offline* foi em um evento *punk* na cidade de Berlim (Alemanha), em 2 de agosto de 2015. Tratou-se de um concerto da banda brasileira *Anti-Corpos* durante a sua turnê de verão na Europa, e, naquele dia, tocaram com mais duas bandas (*Mülltüte* e *Erring Soda*) no bar chamado *k19*. Após a ida ao congresso *Keep It Simple, Make It Fast (KISMIF Conference 2015)*, na cidade do Porto, em Portugal, aproveitei para viajar até Berlim. Lá, fui sozinha ao local do concerto. Desci em uma estação do metrô e não encontrava o lugar de maneira alguma. Vi uns *punks* na rua e fui perguntar a eles onde ficava o local, imaginando que eles iriam ao concerto. Não iam. Esqueci momentaneamente que estava em Berlim. Vi uns casais bebendo na rua e pensei em perguntar onde ficava o bar *k19*. Eles me indicaram.

Chegando ao local, havia pessoas na rua, algumas sentadas no chão, homens e mulheres de diversas idades. O lugar ficava em um prédio todo *pixado*, e depois, olhando fotos na Internet, acho que era uma ocupação urbana, pois havia moradores e um jardim atrás, pelas fotos visualizadas. Na entrada, a menina que fiscalizava a bilheteria disse-me que eu poderia dar qualquer contribuição entre um valor e outro (de 3 a 5 euros, pelo que lembro). Dei o valor maior e ela, que usava cabelo curto e camiseta de banda, abriu um sorriso para mim. Não havia *zines*, apenas camisetas, em poucos tamanhos, e alguns CDs e LPs das bandas locais. O público era misto e de todas as gerações, adultos em sua maior parte. No bar, serviam água, limonada gaseificada e cerveja, todos em copos de vidro - o que me surpreendeu, porque no Brasil não vejo o vidro sendo utilizado em concertos *punks*.

O lugar era como um porão onde não dava para se mexer durante os concertos, apenas no intervalo entre uma música e outra, e, com muita sorte, podia-se tentar sair pelas escadas (que estavam lotadas pelo público que não conseguia descer até o “porão” para ver os concertos com a visão da frente ou de lado). Passei a maior parte do tempo oscilando no local até fazer contato com uma garota italiana, Angela, que não falava inglês ou espanhol, logo nos comunicávamos (praticamente) por mímicas e expressões.

A italiana usava um colar com pingente esculpido em madeira representando o símbolo clássico do movimento feminista. Ela, que também foi sozinha ao local para ver os concertos, descobriu o evento a partir da rede social *Facebook*. Por vezes eu falava algo em português, como um “toca Raul!” entre uma música e outra da banda *Anti-*

Corpos, e, com isso, arrancava risadas de algumas garotas. Tentei uma aproximação, entretanto não houve retorno ou abertura para que eu pudesse conversar diretamente com as meninas da banda, que aparentavam um grande cansaço, possivelmente em função dos inúmeros concertos e viagens acumuladas, o que me dificultou chegar até as musicistas para uma entrevista.

Após presenciar o concerto da *Anti-Corpos* em Berlim (Figura 22), percebi que as garotas frequentadoras do evento não estavam muito abertas ao diálogo comigo. Algumas semanas antes, inclusive, consegui o contato de uma das garotas e vi que residia na capital alemã. Ela havia respondido ao questionário do *Tumblr Riot Grrrl Census* e, via *Facebook*, mostrara-se aberta, tendo dito que poderíamos conversar durante o concerto, mas, presencialmente, ela não foi simpática e nem receptiva a uma conversa, talvez por estar fotografando e filmando os concertos. Assisti às apresentações atentamente para perceber as especificidades da subcultura *riot grrrl* que pulsava no local. Embora eu sempre tenha tido contato com esta subcultura por cartas e *fanzines*, era o primeiro concerto *punk* feminista que presenciava.

Segundo Braga (2008), há sempre uma relação entre indícios e um ângulo das coisas para o qual aqueles são reveladores, porém devemos fazer articulações e inferências entre as pistas encontradas. Frequentemente o próprio indício, ou seja, um dado aparentemente irrelevante, pode ser significativo e também desenvolver relações com a proposição buscada. Neste caso, a falta de diálogo das garotas comigo me passou despercebida até a apresentação na disciplina “Estudos Empíricos em Mídia e Comunicação”, quando uma colega alertou-me para este dado.

FIGURA 2
Concerto de Anti-Corpos em Berlim



Fonte: Página do Facebook do evento:
<https://www.facebook.com/events/475359645972588/> Acesso em: 20 abr. 2016.

Lembrando outros detalhes do concerto, o ativismo das garotas apareceu nos discursos feministas feitos antes de cada música. Por exemplo, em uma canção que falava sobre a questão do aborto no Brasil, elas explicavam, em inglês, qual era a tradução da música para o público europeu. Também relatavam casos de violência contra a mulher em nosso país. Outro ponto que analisei durante o concerto foi o público das bandas. Eram três bandas no evento: uma banda masculina, uma do estilo *queercore* (movimento da cena *punk* em que há a militância LGBT) e a *Anti-Corpos*, que era de meu interesse para a pesquisa.

Ao longo dos três concertos, percebi que as garotas não aplaudiram tanto a banda masculina, embora vbrassem muito no momento em que a banda do estilo *queercore* tocava. Atento-me, aqui, para o fato de que as bandas *queercore* possuem ideologias parecidas com a *riot grrrl*, pois as garotas *riot grrrls* também lutam contra o preconceito sofrido por lésbicas, gays e transsexuais. A *riot grrrl* no Brasil é bastante próxima ao movimento *queercore* no *punk*. Aqui, a maior banda foi a *Dominatrix*, que trazia em suas letras várias questões sobre a militância gay e o movimento feminista. Terminados os concertos, já era bastante tarde e eu só tinha feito uma amizade no local. A italiana Angela me disse que voltaria de metrô, e assim fomos juntas para a estação. Perguntei a ela se era tranquilo ser mulher em Berlim, se tinha algum problema em pegar o transporte público àquela hora, e ela fez um gesto corporal dizendo “Já passaram a

mão em mim. Tem que se cuidar, sim!”. Neste momento, lembrei que, independentemente de estar na Alemanha, por ser mulher há sempre o medo, cuidado e atenção ao transitar no espaço público.

2.2. Festival *Go Grrrls* em Novo Hamburgo

Logo ao retornar da viagem a Berlim, participei do festival *Go Grrrls* (Figura 23), dia 15 de agosto de 2016, em Novo Hamburgo (RS), organizado por Luíza (Lú Barata), integrante de duas bandas *riot grrrls* do estado (Sapamá e A Vingança de Jennifer).

FIGURA 3
Festival *Go Grrrls* em Novo Hamburgo/RS



Fonte: <https://www.facebook.com/events/777158292397717/> Página do evento no Facebook. Acesso em: 20 maio 2016.

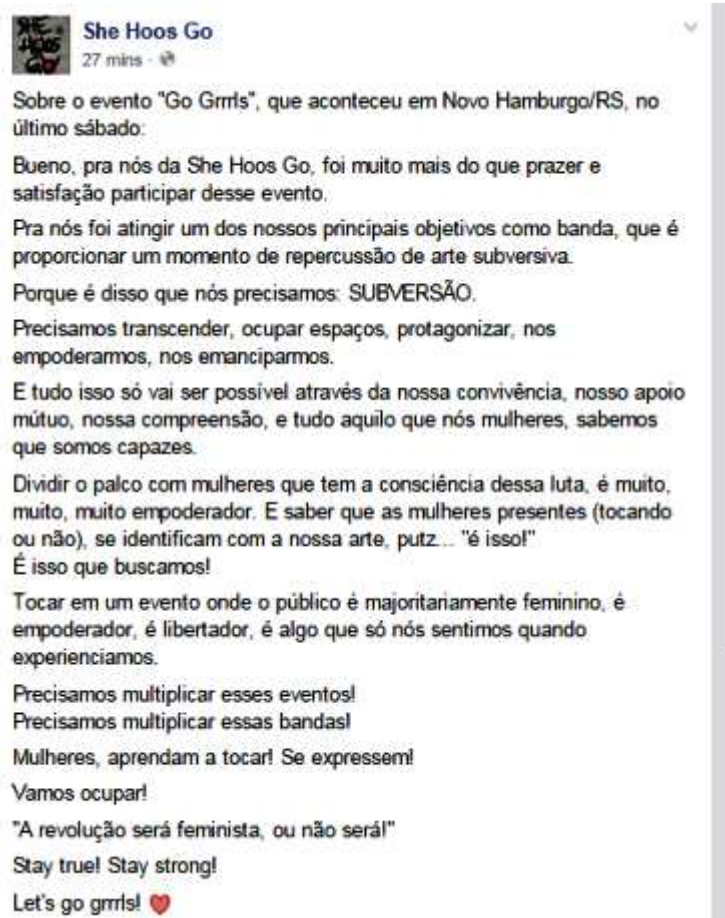
Pela tarde, ocorreram oficinas de discussão sobre gênero e debates feministas. Participei do evento no turno da noite, no qual ocorreriam os concertos. No local, as garotas organizavam uma mesa com *patches*, *fanzines*, camisetas e *bottons* de bandas feministas *riot grrrl* e das bandas presentes. A primeira apresentação foi de *As Batucas* - *Orquestra Feminina de Bateria e Percussão*, com ritmos brasileiros como samba, *Ijexá*, *samba-reggae*. Eram cerca de 15 mulheres batucando ao mesmo tempo. Em sequência, tocaram as bandas *Vingança de Jennifer* (*punk*), *Sapamá* (*punk*), *Dany Alves* (ritmo e poesia experimental, *rap*), *Maçã de Pedra* (*rock n'roll*) e *She Hoos Go* (*grunge*). Durante os concertos, percebi que a maioria do público era formado de mulheres (e posso arriscar que numa média de 20 e poucos anos de idade). Elas “pogavam”, dançavam, puxavam mais meninas para a “roda punk”, ou simplesmente contemplavam, em frente ao palco, as bandas femininas de diferentes estilos musicais. Enquanto as meninas responsáveis pela banquinha entravam na roda, outras cuidavam o espaço e, deste modo, todas conseguiam participar dos concertos ainda que estivessem, de certo modo, trabalhando com seus produtos à venda.

Já durante os primeiros concertos, um amigo chamou-me para uma entrevista. Havia uma menina gravando um documentário sobre mulheres bateristas no local, e queria alguns depoimentos de garotas que integrassem a cena do *rock*. Fui entrevistada em frente ao local do concerto, onde comentei um pouco sobre a pesquisa do mestrado e sobre a história da *riot grrrl*, dando minha opinião acerca da iniciativa do evento *Go Grrrls* em reunir estilos musicais distintos em prol do feminismo.

Partindo deste evento presencial para uma observação *online*, percebi que as administradoras da página do *Facebook* da banda *She Hoos Go* (provavelmente uma ou mais das musicistas) fizeram uma postagem sobre o evento ocorrido (Figura 24). No texto, deixam claro que um dos principais objetivos da banda é o de transcender e “proporcionar um momento de repercussão de arte subversiva”. Além disso, afirmam que para as mulheres emanciparem-se, ocuparem espaços e se empoderarem, é necessário que convivam e se apoiem. Também deixam claro que tocar para um público majoritariamente feminino é libertador e chamam outras garotas para aprenderem a tocar instrumentos (baixo, guitarra, bateria) e se expressarem através da música.

Com as primeiras dificuldades que tive nestes eventos, comecei a fazer um movimento de análise *online* (em redes sociais na Internet) e também uma busca por outros eventos *offline*, como o *Girls Rock Camp*, além de ter sido convidada para dar uma oficina durante a *I Feira do Livro Feminista e Autônoma* na cidade de Porto Alegre. O evento foi organizado por um coletivo de meninas (não há o nome do coletivo no *Blog*) da cidade, e a programação era voltada a debates sobre gênero, oficinas (totalmente centradas na ideologia do *Do It Yourself*), exposição de *fanzines* e livros feministas. No local, vi uma garota (Elisa, de Santa Maria) cuja bolsa continha a frase “Girls invented punk rock not England”, que ficou conhecida após estampar uma camiseta da musicista Kim Gordon, inspiração para as *riot grrrls*.

FIGURA 4
Banda riot grrrl She Hoos Go sobre evento Go Grrrls



Fonte: <https://www.facebook.com/SheHoosGo/> página do Facebook da banda She Hoos Go. Acesso em: 20 maio 2016.

2.3. Girls Rock Camp Brasil 2016

O quarto movimento da pesquisa empírica foi a inscrição para o *Girls Rock Camp*, acampamento voltado a garotas com o objetivo do empoderamento feminino através da música. O evento aconteceu em Sorocaba, no mês de janeiro de 2016. O primeiro contato que tive com o *Girls Rock Camp* foi através da baterista e baixista Liege Milk (atualmente tocando nas bandas *Hangovers*, *3D* e *Medialunas*). Liege é uma das musicistas riot grrrl da cidade de Guaíba, e organizou o *Girls Rock Camp* 2017, ocorrido em Porto Alegre no início deste ano, além de já ter realizado o *Meninas na Batera*, oficina voltada para meninas aprenderem um pouco de bateria, música e feminismo. Através da página do site oficial e do Facebook do *Girls Rock Camp*, soube de que modo tentar uma vaga como voluntária no *Girls Rock Camp Brasil*, que acontece em Sorocaba durante as férias de verão das meninas.

Primeiramente precisava responder a um questionário *online* e depois enviar um projeto. Como já tenho alguma experiência de oficinas de *fanzine* em escolas e para diversos públicos, enviei o projeto voltado ao público infantil. Não consegui vaga para ser voluntária, provavelmente por ser de outro estado, além da grande concorrência do voluntariado este ano. Além disso, as ajudantes dos acampamentos anteriores foram chamadas por residirem no estado de São Paulo e já terem alguma experiência com o evento. Ainda assim, enviei um *e-mail* sugerindo participar do evento como ouvinte, porém não obtive resposta¹⁷ das administradoras. Embora não tenha conseguido uma vaga no *Girls Rock Camp* de 2016, ao conversar posteriormente com Liege, a musicista disse que teríamos um *Girls Rock Camp* na cidade de Porto Alegre, e que elas teriam reuniões ao longo de um ano. Ou seja, eu teria uma chance maior em ingressar no voluntariado, desta vez.

No decorrer de 2016 houve um evento semelhante ao *Girls Rock Camp*, o *Ladies Rock Camp*, que aconteceu na mesma cidade e com o mesmo objetivo, durante o mês de julho. O foco, no entanto, foram as mulheres adultas. Certa vez, Rosa (Rio Grande do Sul) veio conversar comigo pela rede social *Facebook* perguntando se me havia inscrito no *Girls Rock Camp*, e também afirmou que, para as próximas edições, devo entrar em contato com as meninas que já participaram para que elas deem “um toque” nas organizadoras do evento. Aqui, é percebido que a seleção das participantes pela administração do *Girls Rock Camp* Brasil leva em conta a indicação de outras voluntárias ou de mulheres já envolvidas há bastante tempo com a cena, uma vez que o evento lida diretamente com crianças e necessita de voluntárias comprometidas para a realização do *Camp*.

Na captura de tela (Figura 25), percebo que o evento *Girls Rock Camp* Brasil, de Sorocaba, mantém fortes vínculos com algumas das bandas de caráter *riot grrrl* já citadas no capítulo “Subcultura *Riot Grrrl*”, e também apoia a música em “formato físico”, como as fitas cassetes, que remetem ao início da subcultura original, quando o material das bandas estrangeiras e nacionais (surgidas posteriormente) era divulgado através de *demo-tapes* e coletâneas.

¹⁷ Recentemente, visitando Liege em sua casa na cidade de Guaíba, a musicista afirmou que se eu tivesse conversado com ela, provavelmente teria conseguido uma vaga pela proximidade que tem com as organizadoras, embora na época eu não tivesse contato com a musicista. Após esta primeira parte da pesquisa empírica, acabei me aproximando mais das *riot grrrls* de Porto Alegre e arredores.

FIGURA 5
Coletânea em apoio ao *Girls Rock Camp* em fita cassete



Fonte: página do Facebook da Girls Rock Camp:
<https://www.facebook.com/girlsrockcampbrasil/> Acesso em: 20 maio 2016.

2.4. Feira Rua Sete no Santander Cultural e Carnaval na Minor House

No dia 29 de janeiro de 2016, estive presente na *Feira Rua Sete*¹⁸, promovida pelo Santander Cultural, em Porto Alegre. No segundo e último dia do evento, ocorria uma feira gráfica no local, concomitantemente a palestras, sucedidas de um concerto com duas bandas locais, a *3D* e a *Trompa*. A *3D* é uma banda *punk* feminina de Porto Alegre que esteve na ativa nos anos 80 e voltou com novas integrantes, todas elas organizando o *Girls Rock Camp* de Porto Alegre, ocorrido em janeiro de 2017.

Próximo ao horário dos concertos, conversei com Liege Milk¹⁹ e ela me disse que, ao longo de 2016, ocorreriam vários encontros para organizar o evento na cidade e que elas pretendiam gravar um documentário parecido com o *From the Back of the Room*²⁰

¹⁸ Evento dedicado à arte gráfica, com trabalhos de pequenas editoras, artistas independentes, quadrinistas e *fanzineiros*. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/ArteAgenda/Variedades/Arte/2016/1/577965/Feira-de-arte-grafica-inicia-nesta-quinta-em-Porto-Alegre>>. Acesso em: 20 maio 2016.

¹⁹ Baterista de bandas como a *Hangovers* e a *Medialunas*, ex-baixista da banda *Loomer* e agora baixista da *3D*, sua primeira banda só de mulheres.

²⁰ “Este documentário narra os últimos 30 anos de envolvimento do sexo feminino no *punk* DIY, e conta com entrevistas com mais de 30 mulheres de todo o país (EUA), com idades entre 17 a 40. Raça, gênero, sexualidade, maternidade, classe e ativismo são todos abordados neste filme, dando uma imagem mais completa de como essas

no Brasil, que trata sobre as questões de sexualidade, maternidade, ativismo, entre outros pontos na subcultura. Esta produção conta a história das mulheres envolvidas no *punk* e no *Do It Yourself* - e, conseqüentemente, ligadas ao *Riot Grrrl*. Liege, que tem um filho de 2 anos, comentou que não há registros em documentário brasileiro de como é ser mãe e tocar instrumentos, uma mãe roqueira. Sobre isso, Kim Gordon²¹ já relatou, em sua biografia (*Girl in a Band*) lançada em 2015, os questionamentos que recebia da mídia por ser mulher em uma banda masculina e sobre ser mãe e levar sua filha para algumas turnês.

Fui convidada para ministrar uma fala/bate-papo sobre qualquer tema durante o *Carnaval na Minor House*²², espaço já conhecido do pessoal envolvido com a cena *punk/hardcore* de Porto Alegre e região (Figura 26).

O *Carnaval na Minor* é um evento realizado ao longo do feriado de carnaval, com concertos, debates, janta, mostra de *fanzines* e trocas baseadas na ideologia *Do It Yourself*. Acredito que o convite veio através das oficinas de *fanzine* e do tema que estou pesquisando, pois as pessoas que frequentam a casa e a “cena” sabem que o meu tema de pesquisa é a *riot grrrl* e que possuo grande interesse e certa experiência com oficinas de teoria e prática da cultura dos *fanzines* e *zineiros*. Defini, então, o título da minha “palestra”: A transformação na cultura dos *fanzines* e na subcultura *riot grrrl*.

Logo na entrada, às 18h da terça-feira, 09 de fevereiro de 2015, encontrei vários homens integrantes da cena (jovens e adultos) em frente ao local. Passando o longo corredor até os fundos do lugar, onde há um jardim e os ambientes que fazem parte da *Minor House*, encontrei Kamile (20 anos de idade, integrante da cena *punk* porto-alegrense), que me recepcionou muito bem, dizendo que conhecia o meu *fanzine* (de 2008) e me tratando como se já fosse íntima. Kamile está morando na *Minor House* e ajudou na organização junto com o dono do espaço, Alan Chaves.

Na chegada eu tinha dúvidas sobre onde seria a apresentação e se poderia ou não usar *pendrive*. Na cena *Do It Yourself*, muitas vezes é deste modo, no improviso, no

mulheres participam da comunidade DIY, e como isso afeta suas vidas diárias”. Disponível em: <<http://cultiveresistencia.org/from-the-back-of-the-room-dvd/>>. Acesso em: 20 maio 2016.

²¹ Ex-baixista e vocalista do *Sonic Youth*, figura feminista importante no cenário do rock.

²² Espaço para eventos *punk* na cidade de Porto Alegre/RS, voltado ao público *punk* livre de drogas (*straight edge*), bem como a seus amigos: “Espaço underground dedicado à cultura *Straight Edge* localizado no subsolo do antigo Garagem Hermética. Lá são realizados concertos de grupos voltados à cultura *punk/straight edge* (e outros) e são oferecidas refeições veganas e vegetarianas. O lugar não funciona em horários fixos, mas sim em eventos. Normalmente frequentado por pessoas que já se conhecem, o clima lá é sempre de camaradagem entre clientes e proprietários. Visitar o *Minor Place* é sempre uma experiência interessante. Tanto pelas comidas quanto pelo contato com a cultura colaborativa desenvolvida no local. Mas atenção, o lugar (obviamente) não trabalha com bebidas alcoólicas e cigarros são expressamente vetados!” Henrique C. Disponível em: <<https://www.yelp.com.br/biz/minor-house-porto-alegre>>. Acesso em: 10 maio 2016.

empréstimo, literalmente no *faça-você-mesmo*. Escolhemos então um ambiente fechado para fazer o bate-papo, o mesmo local onde as bandas tocam: uma cozinha permeada por um monte de entulhos, televisão, bateria, tudo ali, no mesmo ambiente. Na parede havia placas antigas, *flyers* de concertos e uma *Smart TV*. Deixei uma sacola em cima de duas caixas de plástico grandes onde estava armazenada a comida (janta) para o final do evento: arroz integral e feijoada vegana. O *notebook* que eu usaria para passar a minha apresentação estava posicionado em uma caixa de som gigante ao lado da bateria. Perguntei se poderia largar o material em cima do bumbo da bateria e Kamille me respondeu: “Claro, os caras colocam os pés em cima, por que não poderia?”

FIGURA 6
Carnaval na *Minor House*, em Porto Alegre/RS



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Logo chegaram diversas pessoas, em sua maioria homens, para assistir ao bate-papo no espaço de 20 metros quadrados. Sentaram-se no chão e ficaram esperando durante algum tempo até que eu desse início à apresentação. Ao longo da minha apresentação sobre *fanzines*, as duas pessoas que mais intervíram foram a Ellen e a Kamille, garotas envolvidas na cena *punk* e *riot grrrls*. Em algum momento, o dono da casa (Alan) pediu-

me para explicar o que era o *Girls Rock Camp* Brasil, pois nem todos tinham conhecimento do que se tratava.

Por estar em um ambiente específico do *punk*, acreditava que muitos conhecessem várias definições do que eu falaria no bate-papo, mas aí me dei por conta que não. Nem todos conhecem tudo de uma cena, e há algumas pessoas novas na cena que ainda estão conhecendo o “mundo paralelo” do *underground*. Quando eu falava sobre os *fanzines* e a questão de autenticidade a respeito destes, o garoto Erick levantou a mão afirmando que, para ele, todo *zine* (seja de arte, quadrinhos ou entrevistas de bandas *punks*) é um ato político.

Cerca de 25 pessoas assistiram à oficina na *Minor House*. Depois de uma hora de bate-papo e troca de ideias, a banda *Jay Adams* se apresentou. Não consegui tomar coragem para entrar no lugar por causa do cansaço e do calor. Quando o concerto terminou, saíram homens em suas roupas íntimas e garotas usando *short jeans* e sutiã. Havia pessoas torcendo a camiseta para retirar toda a água acumulada com o calor humano: dividiram um espaço muito pequeno com muitas pessoas, em uma peça da casa onde não havia ventilador.

Após alguns concertos, vi uma garota (Bruni) usando camiseta feita a mão (dava para perceber que era tinta de tecido e que fora confeccionada de modo *DIY*) com o escrito “Feminst Dyke Whore I am so Pretty: alien”, trecho da música “Alien She”, dos *Bikini Kill*. Além disso, vi outra menina (Alessandra), de cabelo vermelho, com uma camiseta escrita “Girls invented Punk Rock not England”, e lembrei que ela também estava na minha palestra. Fui conversar com a menina para uma entrevista e, deste modo, acabei entrevistando Bruni, Dryandra e Alessandra (20 minutos de bate-papo), três meninas que se identificam com a *Riot Grrrl* e aceitaram participar da pesquisa. Expliquei que se tratava da minha dissertação de mestrado - como sempre, deixo clara minha posição de pesquisadora dentro da subcultura -, bem como perguntei se poderia utilizar os dados (como nome e idade) para divulgação na dissertação, e obtive resultado positivo. No local, havia poucas meninas em comparação a homens, acredito que 11 meninas e uns 20 a 25 homens.

Abaixo, um trecho da entrevista feita com Dyandra e Alessandra, que conversaram comigo ao mesmo tempo:

Gabriela: Vocês acham que a *riot grrrl* está mais associada ao movimento *punk* ou ao feminismo hoje?

Alessandra: Eu acho que o feminismo hoje... Acho que na verdade NÃO TEM como não linkar [LIGAR] as duas coisas, para mim elas vieram juntas! E eu acredito que para a maioria das minas elas vêm junto, entendeu. Que nem ela (Dyandra) falou do interesse, sabe... Por exemplo, eu conheci o L7, uma banda que as outras meninas também ouvem e dizem “Bah olha isso, o que elas falam” e tal. Tem tudo a ver com o que a gente tá debatendo aqui, no coletivo e tal! Sabe, então você começa a unir tudo.

Dyandra: Eu associo mais assim... com o feminismo. Eu ouvi falar através do punk, mas só fui me ligar mesmo dentro do feminismo e das minas me falando. Agora eu associo bastante sabe? Mais ao feminismo mesmo. Dentro da música, né? Que é um bagulho...é foda para as minas, você entrar dentro da música underground assim é foda. A maioria é cara. E aí tu faz uma banda punk assim e as minas têm coragem para tocar na frente dos caras e um som tipo Bulimia assim...

Alessandra: Esse som [banda BULIMIA], tipo, olha só! O que as minas falam, entendeu? Não tem como tu não linkar as duas coisas. Para mim elas vêm juntas. Eu não consigo imaginar elas separadas, porque elas passam força para a mina se empoderar, não deixar a sociedade engolir ela. Sabe?

Dyandra: Eu acho que o riot é o feminismo dentro do movimento punk. Eu acho que foi daí que as minas conseguiram mesmo.

Gabriela: Vocês não acham que foge um pouco do movimento punk?

Dyandra: Eu acho que a Internet ajudou a expandir um pouco. Para o rap... Hoje tá bastante associado ao feminismo mesmo. E tu sabe que eu acho que tem muita gente que não linka ao punk.

Alessandra: Eu acho que tem muita gente, que eu converso e tal, que linka só ao feminismo. Já notei isso, as minas falarem isso, o riot como se fosse um movimento social. Mas eu acho que é bem importante...

Dyandra: Quando eu penso ou sei lá, eu tento imaginar um desenho ou uma imagem do movimento riot, e é tipo um monte de mina enlouquecida, puta da cara que não pode chegar no rolê e quer chegar. E aí sai quebrando tudo! (RISOS de nós 3). Tipo RAIVA mesmo. Porque tipo, eu sentia raiva na vida quando eu curtia um gênero musical e sei lá, tu não consegue se encaixar ou não tem autoestima para se encaixar sabe. Tu curte de fora mas sabe, nunca vai se considerar do movimento.

Depois da conversa com as garotas no concerto, duas (Dyandra e Alessandra) das três meninas foram adicionadas no meu perfil pessoal na rede social Facebook e, desde então, mantenho certo contato com as mesmas. Além disso, percebi que as garotas também seguem a página de Facebook do *No Make Up Tips zine*, que venho atualizando e onde divulguei o questionário da pesquisa. Dyandra participa de um coletivo feminista na cidade de Guaíba e me convidou para ministrar uma oficina sobre feminismo, *punk* e *fanzines* quando possível. Após o evento, não encontrei mais nenhuma das entrevistadas pessoalmente, até porque, em função dos trabalhos no mestrado, não participei de mais nenhum concerto na *Minor House*, mas sei que posso facilmente acessar as *riots*.

2.5. Voluntária no *Girls Rock Camp* Porto Alegre e o primeiro instrumento

Diário de Campo ao longo de outubro e novembro de 2016. O dia em que eu entrei pela primeira vez na vida em um estúdio. Com meninas. Com uma professora mulher, uma musicista que eu sempre admirei muito, Liege Milk. Ao retornar da visita à sede do *Girls Rock Camp* Brasil, na última viagem a São Paulo (Sorocaba), deparei-me com um ambiente onde as garotas ficam em primeiro plano e confortáveis para se arriscarem nos instrumentos musicais. Entrevistei duas meninas fortemente ligadas à subcultura *riot grrrl* no Brasil, e também Flávia Biggs, diretora e fundadora do *Girls Rock Camp* no Brasil, para entender mais da dinâmica do *Girls Rock Camp* americano e brasileiro. Tive contato com o baixo pela primeira vez na casa do amigo musicista e tradutor, Paulo Alves. Toquei Ramones. A ideia inicial era retornar de São Paulo para tocar bateria com a Liege, mas gostei tanto do contrabaixo que resolvi mudar de ideia.

Na volta da viagem a São Paulo, ainda em outubro, tomei coragem e inspiração para aventurar-me, pela primeira vez de fato, em um instrumento. Fui para a aula de *Muay Thai* na segunda-feira e encontrei uma colega, convidei-a para tocar, perguntei se não tinha interesse em fazer aula de bateria. Ela já era do cenário *underground* de Santa Maria (cidade onde morei por 8 anos) e eu sabia que provavelmente teria certo interesse em fazer música. Gi Sausseerig disse, espantada: “Nossa, mas será que eu consigo?”. E assim o fantasma do medo nos perseguiu um pouco, ao longo da semana. Conseguiríamos entrar no estúdio e tocar algo? Sairia algo disso? Será que conseguiríamos evoluir no instrumento? Gi me relatou que viu, certa vez, uma mulher baterista e ficou ao lado do palco admirando-a muito, pensando “Nossa, como eu gostaria de saber tocar como ela!”. A bateria é um instrumento que causa bastante admiração entre as garotas, por ser um instrumento dito “pesado”, quase que tachado de “masculino”. Li em um cartaz na sede do *Girls Rock Camp* em São Paulo que “instrumento não tem gênero” e falei isso para a amiga.

Uma das perguntas que fazia antes de iniciar esta pesquisa era até onde a subcultura *riot grrrl* utilizava a música, ou até onde elas se preocupavam em fazer música. Quando iniciei as aulas de baixo, no final desta dissertação, percebi que o intuito de tocar com outras meninas, sentir que estava entendendo o que a baterista estava fazendo, conseguir inventar algumas sonoridades repetidas com ela e escrever uma música sobre o aborto era muito mais do que querer tocar: para nós duas, era extremamente emocionante sentir que éramos capazes de pegar um instrumento entre os nossos 27 e 32 anos de idade, e que não precisávamos de um professor de música (homem). A representatividade que tínhamos era uma mulher, feminista e ativista,

que em todas as aulas dizia o quanto éramos capazes, e o quanto ela já tinha sofrido – e demorado - para acreditar em si.

Diário de campo ao final do *Girls Rock Camp* Porto Alegre. Em 21 de janeiro de 2017, tivemos o primeiro dia de treinamento antes do início do primeiro *Girls Rock Camp* na capital gaúcha. Ao longo da manhã e da tarde, elaboramos cartazes com frases feministas e que ajudassem de alguma forma as meninas do acampamento, no que toca a autoestima destas garotas. Apresentamos-nos em uma roda de voluntárias, no meio da entrada principal da escola Paulo Freire, onde pudemos conhecer um pouco a trajetória de cada uma das mulheres que decidiram se voluntariar. Musicistas, jornalistas, psicólogas, as mais variadas funções, todas envolvidas, de algum modo, com a cultura *underground* e detentoras de um *background musical*, seja com bandas, programas de rádios, *fanzines* ou mídias que se vinculam à música autoral. Ao longo das apresentações, ouvi três depoimentos de meninas que diziam ter conhecido o *Girls Rock Camp* por mim. Fiquei bastante emocionada, refletindo há quanto tempo estou envolvida com a subcultura e o *underground* e, por ser mais velha do que estas jovens, provavelmente fui uma influência, de algum modo, para elas. Ao longo da tarde, conversei com algumas das voluntárias e percebi que a maioria possui alto capital cultural, com acesso a universidades, intercâmbio, viagens internacionais, cursos de inglês, teatro e claro, música. Além disso, todas as voluntárias compreendem o que é feminismo, a partir de suas falas e depoimentos pude visualizar isso.

No segundo dia de treinamento, no bar Ocidente, recebemos um manual de regras a ser seguido pelas voluntárias do *Girls Rock Camp*, com várias questões a respeito de gênero, sexualidade, respeito às preferências musicais das garotas – uma vez que grande parte das nossas voluntárias são fãs de *rock* e ramificações do *rock*. No *Manual Voluntárias* estava escrito “Baseado no manual de ‘Rock Camp for Girl – Montreal’”, e na parte da Missão dizia: “O *Girls Rock Camp* nutre o crescimento da autoestima, construção de habilidades e pensamento crítico em um trabalho colaborativo através da música e da performance: Procuramos um espaço seguro para que meninas se desenvolvam livremente, em um recorte feminista e antiopressão”.

No código de conduta das Voluntárias, deveríamos seguir 26 pontos de conduta que foram colocados e debatidos, entre eles vários que pediam para respeitar as preferências das garotas, o não uso de drogas lícitas ou ilícitas, a pontualidade, emergências, apoio entre as colegas e campistas e o não compartilhamento da sua vida pessoal com as campistas. O hino do *Girls Rock Camp* também lembra muito algumas letras das bandas *riot grrrls*, direcionadas ao público feminino com objetivo de empoderar, cooperar e deixar as mulheres mais fortes para a luta:

Posso ser presidenta, engenheira ou astronauta. Posso tocar bateria, guitarra ou flauta. Quem é você para dizer o que uma menina faz? Só eu sei do que eu sou capaz! O camp é um lugar de amizade e alegria. Lugar de aprender com outras gurias Pois sou muito melhor com as amigas. E é só começo da nossa nova vida! Por isso vamos todas. Gritar: VOU CONSEGUIR! Juntas somos mais fortes! Não vamos desistir!.

Além do hino, que remete muito às letras das bandas *riot grrrls* quando fala sobre o poder das mulheres e a possibilidade de produzir e fazer o que quiserem, também encontrei alguns cartazes com a palavra “grrrl” pelos corredores, além da expressão “Girl Power”, que foi utilizada pela primeira vez pelas *riot grrrls* nos *fanzines*. Além destes, outros cartazes também foram produzidos com as frases: “seja a garota dos seus próprios sonhos e não dos sonhos dos outros”; “nós podemos ser nós mesmas” (Figura 27); “quando você ouvir que toca como uma menina, é um elogio”; “uma garota deve ser duas coisas: quem e o que ela quiser”; “sou minha, sou mulher, sou tudo que eu quiser”; “você é linda” (ao lado do espelho do banheiro feminino); “seja o que você quiser” e “o rolê é nosso”.

FIGURA 7
Cartaz do *Girls Rock Camp* Porto Alegre



Fonte: Acervo pessoal da autora/ Instagram do @nomakeuptipszine.

Estas frases poderiam facilmente ser encontradas em *fanzines riot grrrls*, pois remetem a outras garotas e possuem notavelmente uma afirmação feminista por parte de quem as elaborou, na tentativa de desconstruir estereótipos de gênero, como “mulher não sabe tocar”; “seja a garota dos sonhos” (dos outros, neste caso); “você não pode ter tal profissão, pois é profissão masculina”; “é coisa de homem”; “você é fraca”, entre outros tantos exemplos sobre a construção de gênero que aprendemos em sociedade.

No último dia do *Girls Rock Camp* em Porto Alegre, estávamos guardando os instrumentos para irmos embora, pois prometemos deixar a escola emprestada com tudo em ordem, sem os cartazes, equipamentos e objetos pessoais tanto das campistas quanto das voluntárias. Eu comecei a procurar meu baixo e não o encontrava, e aí me disseram que já estava no carro, em frente à escola. Era por volta de 19h da sexta-feira anterior ao sábado do concerto final do *Girls Rock Camp*, e a rua estava cheia de voluntárias guardando seus pertences pessoais e instrumentos. De repente, ouvimos um morador local dizendo que alguém havia arrombado um carro e levado “um violão”, que na verdade, era o meu baixo. Fiquei muito triste no momento, sem saber o que pensar, um sentimento de não poder fazer nada a respeito. Pensei em desistir de tocar. “Vai ver é um sinal”, mas ao dizer isso, as outras mulheres que integravam o *Girls Rock Camp* e que estavam perto vieram abraçar-me e disseram “NÃO, de JEITO ALGUM você irá desistir”. Depois de alguns dias, recebi a notícia de que ganharia um baixo usado do *Girls Rock Camp*, com as cordas devidamente “viradas” para a baixista canhota que eu sou.

Desfecho não fechado

Ao longo da minha pesquisa de mestrado, percebi que a minha inserção a campo enquanto *insider* (Amaral, 2016; Hodkinson, 2005; Guerra 2013, 2014 e 2016) *facilitou* a aproximação com as informantes, em todas as etapas, desde o princípio: divulguei o primeiro questionário na página do meu próprio *fanzine* na Internet. O alcance foi grande, e já consegui uma boa amostra (58 informates, 10 estados diferentes e idades entre 15 e 47 anos) por causa deste contato prévio que já tinha por ser uma *riot grrrl*. Possivelmente, de fora deste grupo, não conseguiria ter coletado e analisado estes dados sobre o que os sujeitos dizem acerca da atualização da subcultura no Brasil. Talvez conseguisse a partir de elementos (sub)culturais, mas muitos chegaram até mim por causa desta inserção plena. Sempre deixei claro para as entrevistadas (todas, sem exceção) quem era e o que estava fazendo: um trabalho acadêmico. Ao mesmo tempo, acredito que certo afastamento foi fundamental principalmente no momento de constatar as diversas dissidências dentro do grupo analisado, que não poderiam

ficar de fora da pesquisa – e esta ainda é uma das maiores dificuldades de todo e qualquer pesquisador insider, pois pode dificultar a sua análise crítica.

Por conseguinte, percebo que o que os sujeitos e tais elementos dizem sobre a atualização da subcultura no país abraça questões de mídia *mainstream* e *underground*, questões de juventude e envelhecimento, de gênero, raça, novos fazeres musicais, acesso à cultura, política, geografia, e claro, de classe social. Que não há um consenso sobre o que significa ser uma *riot grrrl*, nem sobre o que seria *riot grrrl* hoje no Brasil, mas nesta complexidade de vozes, idades, estados e opiniões, nestas várias características e singularidades musicais e culturais, a vontade de trazer outras mulheres para pensar os feminismos ainda parece falar mais alto do que os estilos musicais, as dissidências, os contrastes ou preocupações em dar nome às inspirações que tomamos sobre as atitudes das primeiras e “originais” *riot grrrls*.

Referências

- AMARAL, Adriana (2008). Autonetnografia e inserção online: O papel do "pesquisador-insider" nas práticas comunicacionais das subculturas da Web. In: *Encontro da Compós*, 17. São Paulo: Unip. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_315.pdf>. Acesso em: 20 maio 2016.
- HODKINSON, Paul (2005). Insider Research" in the study of youth cultures. *Journal of Youth Studies*, v.18, p. 131-149.
- GELAIN, Gabriela Cleveston. *Releituras, transições e dissidências da Subcultura Feminista Riot Grrrl no Brasil*, Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).
- GUERRA, Paula (2013). Punk, ação e contradição em Portugal. Uma aproximação às culturas juvenis contemporâneas. *Revista Crítica de Ciências Sociais* (102/103), p. 111-134.
- GUERRA, Paula (2014). Punk, expectations, breaches, and metamorphoses. *Critical Arts*, 28(1), p. 195-211.
- GUERRA, Paula (2016). Keep it rocking: the social space of Portuguese alternative rock (1980–2010). *Journal of Sociology*, 52 (4), p. 625-630.
- GUERRA, Paula; BENNETT, Andy (2015). Never Mind the Pistols? The Legacy and Authenticity of the Sex Pistols in Portugal. *Popular Music and Society*, 38(4), p. 500-521.
- GUERRA, Paula; QUINTELA, Pedro (2016). From Coimbra to London: to live the punk dream and "meet my tribe". In: SARDINHA, João; CAMPOS, Ricardo (eds.). *Transglobal Sounds: Music, Youth and Migration*. New York/ London: Bloomsbury Publishing.
- GUERRA, paula; SILVA, Augusto Santos (2015). Music and more than music: The approach to difference and identity in the Portuguese punk. *European Journal of Cultural Studies*, 18(2), p. 207-223.
- O'HARA, Craig. Craig (2005). *A filosofia do punk: muito mais do que barulho*. São Paulo: Radical Livros.
- SILVA, Augusto Santos; GUERRA, Paula (2015). *As palavras do punk*. Lisboa: Alêtheia Editores.

IS Working Papers

3.^a Série/3rd Series

Editora/Editor: Paula Guerra

Comissão Científica/ Scientific Committee: João Queirós, Maria Manuela Mendes, Sofia Cruz

Uma publicação seriada *online* do
Instituto de Sociologia da Universidade do Porto
Unidade de I&D 727 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia

IS Working Papers are an online sequential publication of the
Institute of Sociology of the University of Porto
R&D Unit 727 of the Foundation for Science and Technology

Disponível em/Available on: http://isociologia.pt/publicacoes_workingpapers.aspx
ISSN: 1647-9424

IS Working Paper N.º 54

Título/Title

“Herstory, elementos preliminares da trajetória de investigação de uma riot grrrl”

Autora/Author

Gabriela Cleveston Gelain

A autora, titular dos direitos desta obra, publica-a nos termos da licença Creative Commons
“Atribuição – Uso Não Comercial – Partilha” nos Mesmos Termos 2.5 Portugal
(cf. <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/pt/>).